

SAMARTA RAMADAS

Data: 19/03/93 – Ocasião: Cursos de Cultura Indiana e Espiritualidade - Local: Brindavan

Num lugar chamado Badar, em Aurangabad, distrito de Maharashtra, nasceu o filho de um casal fervorosamente devotado a Deus. Foi chamado Narayana e cresceu sendo um menino levado, negligente com os estudos e briguento com as outras crianças. Aos oito anos de idade, perdeu o pai.

Sua mãe, Rama Devi, achava difícil controlar o filho, que se mostrava terrível; quando ele completou treze anos seus parentes e vizinhos aconselharam-na a casá-lo, para que assumisse responsabilidades e mudasse para melhor.

Embora o menino fosse muito jovem para casar-se, sua mãe foi persuadida pelos outros e arranhou seu casamento.

De acordo com os costumes da época, durante as núpcias, uma tela de tecido grosso foi estendida entre os noivos, para ser removida no instante em que o noivo colocasse o colar tradicional das núpcias (*mangala sutram*) no pescoço da noiva. Mas, neste momento, houve uma grande surpresa: o noivo havia desaparecido detrás da cortina sem que ninguém notasse! Uma busca completa foi feita para localizá-lo, mas em vão. Assim, o casamento não pôde ser realizado.

O menino Narayana, após escapar da sala do casamento, finalmente chegou a um lugar chamado Nasik, perto da nascente do sagrado rio Godavari. Ficou lá por algum tempo, e depois foi para uma montanha próxima chamada Chitrakuta considerada sagrada, porque Sri Rama viveu neste local por quase doze anos. Escolheu um local extraordinariamente bonito, de nome Panchavati.

Ele ficou extasiado pela grandeza e santidade da paisagem, associando-as ao fato de Sri Rama ter estado lá durante seu exílio. Este fato ocasionava vibrações de êxtase em Narayana, que permanecia sempre imerso na contemplação de Sri Rama.

Qual a causa de um menino tão perverso ter se tornado um jovem religioso? Além do fato de boas tendências latentes acumuladas (*Samskaras*) surgidas diante do súbito choque da possibilidade de ser sobrecarregado com as pesadas responsabilidades de um casamento, o menino, durante sua viagem para Nasik, entrou num famoso templo a Hanuman e orou de todo o coração, pedindo que a Divindade o abençoasse com todas as nobres qualidades pelas quais Hanuman era conhecido.

Ele teve a indicação de resposta a sua prece através de um leve movimento da imagem sagrada, que transmitiu vibrações espirituais em sua direção.

Depois de doze anos de intensas penitências em Panchavati, Narayana ganhou a tripla realização de Sri Rama, da mesma forma que Hanuman.

Primeiro, com a consciência direcionada ao corpo, percebeu que ele era o devoto, e Rama, o Mestre; a seguir, teve a consciência de ser uma alma, sendo parte de Rama; finalmente, compreendeu que era o *Atma*, o Ser Interior, ele e Rama sendo Um só.

Depois dessa compreensão, voltou de Panchavati a Nasik e lá tomou conhecimento de que o país estava numa crise de escassez de alimentos. Então, refletiu que passar todo o tempo só pensando na própria liberação enquanto seus conterrâneos sofriam de fome, significava extremo egoísmo. Por isto, inventou o ditado: “Rama no coração e trabalho nas mãos”, mergulhando no trabalho social com toda sua energia e fervor, dando a si mesmo e a seu grupo de dedicados trabalhadores lemas como “O serviço ao homem é serviço a Deus,” e “Serviço às aldeias é serviço à Rama.”

Ele encheu o reservatório de seu coração com a água sagrada do nome de Rama, que escorria de suas mãos para saciar a sede da multidão de compatriotas.

Agindo dessa forma de cidade em cidade e fazendo um trabalho social juntamente com cânticos sobre Rama, Narayana finalmente chegou a Rameswaram, bem ao sul da península indiana.

De lá foi para Tirupati e Hampi, dois locais de peregrinação, e depois retornou a Nasik.

No caminho, viu o santo Tukaram. Este cantava as glórias de Rama tão melodiosamente, que um grande número de pessoas, como o próprio Shivaji, rei de Maharashtra, o escutava.

Sentindo-se atraído por Rama, depois de ouvi-lo cantar, Shivaji disse a Tukaram que queria tomar a decisão de abandonar seu reino e, de todo o coração, se tornar devotado à busca do caminho espiritual.

Tukaram advertiu Shivaji que esta era uma visão limitada da espiritualidade, e o incentivou a considerar o dever como Deus e o trabalho como adoração divina. Então, Shivaji rogou a Tukaram que lhe desse a iniciação como seu discípulo. Tukaram negou, dizendo: “Ramadas é o seu Guru, não eu; portanto, deve receber sua iniciação apenas dele.” Um tanto desapontado, Shivaji voltou à capital.

Quando Shivaji soube que Narayana (pseudônimo de Ramadas) estava em Nasik, mandou-lhe um convite através de ministros e outras altas autoridades para que fosse até a corte real.

Eles chegaram acompanhados por uma banda de música e outras honrarias oferecidas a personalidades de alta distinção, e o rei instalou Ramadas nas dependências do palácio recebendo-o com as devidas honras e reverências.

A seguir, depois de lavar os pés de Ramadas, o rei respingou água sagrada em sua cabeça e entregou-se a ele com toda a humildade, dizendo: “Ó Venerado Mestre! A partir deste momento, este reino lhe pertence; eu também sou seu”. Ramadas respondeu: “Meu filho, sou um asceta que renunciou a tudo. Não tenho nem o direito, nem o desejo pelo seu limitado reino. O reino de Deus é ilimitado. O objetivo de minha vida é ajudar cada um a alcançar este reino ilimitado de Deus; por isso, não quero seu reino. Estou agora coroando o rei dessa terra que me ofereceu. De agora em diante, será rei, com uma diferença: vai considerar este reino como pertencendo realmente a Deus, e você apenas como Seu instrumento ou procurador. A administração do reino será em favor d’Ele.”

Como Ramadas possuía a extraordinária capacidade de fazer grandes coisas, ficou conhecido como Samarta Ramadas.

Samarta significa homem versátil em habilidades; há um episódio de sua vida que descreve a razão pela qual este título lhe foi conferido.

Ramadas costumava se vestir e perambular como Rama o fazia, usando arco e flecha. Certa vez, quando caminhava pelas margens do Godavari nesses trajes, alguns renunciantes que lá se banhavam perguntaram-lhe se pertencia à comunidade dos Koyas (caçadores de uma tribo da montanha). Ramadas respondeu-lhes que era Ramadas (um servo de Rama), e não um Koya. Os renunciantes, então, lhe perguntaram por que estava vestido e equipado com arco e flecha como Rama, se era apenas um servo de Rama. Galhofando, disseram: “De que adianta tentar imitá-lo só na aparência? Seria você capaz de manejar o arco e a flecha como Rama?”

Exatamente neste momento, um pássaro passava voando muito alto e em grande velocidade sobre suas cabeças. Os ascetas apontaram para o pássaro e perguntaram se Ramadas era capaz de acertá-lo. Com o nome de Rama nos lábios, Ramadas lançou uma flecha na direção da ave, que caiu bem na frente de todos.

Vendo a ave morta os renunciantes acusaram Ramadas dizendo: “Não há harmonia de pensamento, palavra e ação em você e, portanto, você é uma pessoa má; canta o nome de Rama e ao mesmo tempo comete o pecado de matar um pássaro inocente para mostrar sua habilidade.”

Quando Ramadas argumentou que atingiu a ave por insistência deles, retrucaram: “Se pedíssemos para comer grama, o faria? Não tem vontade própria ou discernimento?” - Então, gentilmente, Ramadas respondeu: “Senhores, passado é passado. Por gentileza, digam-me o que devo fazer agora.” Eles pediram para ele se arrepender de seu pecado. Prontamente, Ramadas fechou os olhos e orou a Deus sinceramente, arrependido por seu pecado e pedindo perdão. Depois disso, abriu os olhos e disse aos ascetas que a ave morta não tinha recuperado a vida, apesar de seu arrependimento.

Com ar de condenação, eles revidaram: “Que louco é você! Arrependimento não anula o que você fez, mas o capacita a não repetir o erro no futuro.” Ramadas lhes respondeu: “Isto não é arrependimento, na minha humilde visão. Deus e Seu nome são tão poderosos que se orarmos sinceramente, Sua Graça trará de volta a vida do pássaro.” Assim falando, pegou a ave morta, abraçou-a de encontro ao peito e, chorando, orou de todo o coração: “Ó Rama, se estive cantando Seu nome com todo meu coração, mente e alma, se de fato matei esta ave por ignorância e não com intenção de matar, permita que Sua Graça reviva este pássaro ou leve minha vida também junto com a dele.” Ao concluir sua prece, a ave esvoaçou em suas mãos. Ele, então, abriu os olhos agradecendo ao Todo-Poderoso, e lançou a ave

para o céu. Estupefatos com o milagre, os ascetas exclamaram em uma só voz: “Venerado Senhor, perdoe-nos por não reconhecer sua grandeza. Uma vez que tem a capacidade de acertar um pássaro em vôo com uma única flecha e, também, a capacidade de revivê-lo, de agora em diante será conhecido pelo valoroso nome Samarta Ramadas.”

Depois disso, Ramadas visitou Pandaripuram, onde foi testemunha ocular do modo como um homem chamado Pundarika servia a seus pais como verdadeiros deuses, fazendo o próprio Divino Senhor Panduranga esperar de pé em frente a sua casa até completar o serviço que prestava a seus pais.

Posteriormente, ele visitou Shivaji e deu-lhe três itens como lembretes para guiá-lo em seus deveres reais: o primeiro foi um coco, porque, ao comprá-lo, temos a intenção de consumir a parte interna, que é branca. Da mesma forma, o objetivo do rei em possuir e administrar um reino deveria ser assegurar-lhe o predomínio das qualidades saudáveis (sátvicas) através de uma vida pura. Deu-lhe, também, um punhado de terra para que ele, e através dele, seus súditos, lembrassem da santidade da Índia, o berço de todos. E, finalmente, um par de tijolos, para que o rei se lembrasse de usar seus poderes para proteger o povo e promover seu bem-estar e progresso, assim como os tijolos são usados para construir casas para a segurança de seus ocupantes.

Nesta época a lembrança do devotado serviço de Pundarika a seus pais veio à memória de Ramadas. Ele resolveu voltar para casa, com a idéia de servir a sua mãe idosa. Quando chegou ela não conseguiu reconhecê-lo, principalmente por sua longa barba e estranhas roupas. Ele falou que era seu filho Narayana, conhecido como Samarta Ramadas. Ao ouvir isso, sua mãe exclamou em êxtase: “Ó meu querido filho, tenho ouvido falar tanto de Samarta Ramadas! E tenho estado tão ansiosa para vê-lo, há tanto tempo! Mas nunca imaginei que seu nome fosse o nome de meu filho Narayana. Estou orgulhosa de você e agradeço ao Senhor por me fazer mãe de tão grande ser. Minha vida está realizada.” E assim falando, exalou seu último suspiro no colo do filho.

Conforme a tradição manda, Ramadas realizou o funeral de sua mãe. Pouco depois, ele soube da morte de Shivaji, em 1680 d.C. (apenas seis anos depois de ter sido coroado por Ramadas, em 1674) e foi à capital do reino, instalando o filho de Shivaji como rei e o abençoando, para que reinasse seguindo os passos de seu nobre pai.